**Antes do Céu: as rotas e os nautas.**

A mitologia judaico-cristã aponta para o nascimento do homem quando a mão de Deus modelou o barro terreno, o que pressupõe um trabalho oficinal minucioso de preparação e intenções estéticas longamente amadurecidas para a consecução da sua obra perfeita. Esta relação do criador com as criaturas, no caso de Pedro Figueiredo, torna-se muito evidente quando as criaturas povoam um espaço hierático, como é o caso feliz deste templo restaurado e recuperado onde são exibidas. A clausura do espaço, porém, se reforça a humildade das personagens, não lhes atrofia o ímpeto e o fôlego da vida, antes lhes confere, seja pela leveza dos movimentos seja pela carga alegórica de que estão revestidas e investidas, o arreigado sentido de libertação dos homens detectado na expressividade objectual. Céu e terra, espírito e matéria insinuam-se, assim, como ingredientes de uma tensão dramática que conduz à possibilidade de a criatura refazer-se em cada alvorada, de ganhar asas icáricas de desfio, de rasgar com os pés toscos mas poderosos os caminhos que vai calcorreando na marcha da vida.

No plano horizontal que pisa implanta-se o vertical humano, altivo, com a capacidade de movimentar-se, de confrontar-se com a capacidade de autonomamente movimentar-se, de confrontar-se com os outros bichos da terra, de amar, de dançar com ousadia com a rubra e lúdica esfera do planeta e de atingir os espaços etéreos.

Pedro Figueiredo imprime, pois, nas suas esculturas, o carácter agónico da humanidade, posto que, constituindo um conjunto de indivíduos sociais, são livres e fragmentários. Daí que o escultor, por vezes, os fragmente patenteando pedaços dos seus corpos ou chegue a omitir esses pedaços.

Transparece, com efeito, nas obras de Pedro Figueiredo, uma concepção de vida: do Prometeu que roubando o fogo divino insufla o homem do conhecimento poiético; e do ser gregário que se enreda numa teia de pensamentos, de acções, de sentimentos e de emoções. Soberbamente humana é a vida a que o escultor dá forma. Entusiasmante é esta exposição pelos ingredientes humanistas, pelas formulações artísticas e, por conseguinte, pela plurissignificação que desafia quem a observa.

É esta poética tensional e libertadora que nos é transmitida pelas formas alongadas, pelas superfícies rugosas, pelo contraste entre o vermelho de alguns adereços e o negro das figuras humanas – que desemboca numa teatralidade em que, inevitavelmente, o espectador se torna actor, interagindo, no cenário, com o espectáculo alegórico da vida.

Coimbra, Março, 2015

Vasco Pereira da Costa